

Educar para pensar: o novo papel da escola em um mundo complexo

Hellen de Lima da St. Nicholas School fala sobre excelência acadêmica, bilinguismo e o papel da escola na formação de jovens preparados para o futuro

Por Beatriz Bononi

Escola como um espaço para se aprender a pensar com profundidade. É assim que Hellen de Lima, coordenadora do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio da St. Nicholas School Alphaville, define o que é educar atualmente. Em um cenário marcado por excesso de informação, avanço acelerado da tecnologia e novas demandas do mercado global, o papel da escola, segundo ela, deixou de ser apenas transmitir conteúdo e passou a ser formar jovens capazes de analisar, questionar e tomar decisões responsáveis.

Nesta entrevista à efe., Hellen fala sobre as transformações no ato de educar, os desafios de equilibrar excelência acadêmica e sustentabilidade institucional, o papel do bilinguismo em um polo como Alphaville e como a tecnologia deve ser integrada com intencionalidade e visão ética.

efe. - Na sua avaliação, o que mais se transformou no ato de educar nos últimos anos?

Hellen - O que mais mudou foi o foco. Durante muito tempo, educar significava transmitir conteúdo. Hoje, isso é apenas o ponto de partida. A informação está disponível em qualquer tela. O diferencial passou a ser a capacidade de analisar, questionar, conectar ideias e tomar decisões responsáveis. A escola deixou de ser a principal fonte de informação e passou a ser o espaço onde se aprende a pensar com profundidade. Essa transformação exige um reposicionamento institucional: formar jovens academicamente sólidos, mas também preparados para lidar com ambiguidade, pressão, tecnologia e diversidade cultural. Isso muda completamente a forma como estruturamos currículo, formação docente e experiência escolar.

efe. - Para além do conteúdo acadêmico, quais competências se tornaram indis-



Hellen de Lima é líder educacional sênior na St. Nicholas School, com ampla experiência em educação internacional, pastoral care e safeguarding

pensáveis na formação dos alunos que vão atuar em um mundo cada vez mais global e complexo?

Hellen - Eu diria que três dimensões são hoje inegociáveis: pensamento crítico, capacidade de colaboração e integridade. Estamos preparando alunos para profissões que ainda não existem e para desafios globais que já estão postos, como mudanças climáticas, avanços em inteligência artificial e transformações no mercado de trabalho. Mas, além das competências técnicas, precisamos formar jovens capazes de tomar decisões éticas.

efe. - Onde estão hoje os principais desafios em equilibrar excelência educacional e sustentabilidade do negócio?

Hellen - O desafio está em tomar decisões de longo prazo em um mercado que muitas vezes pressiona por respostas imediatas. Excelência exige investimento constante em pessoas, formação, tecnologia e infraestrutura. Ao mesmo tempo, a escola precisa operar com responsabilidade financeira e visão estratégica. Acredito que a chave está na coerência. Quando há clareza de propósito e consistência na execução, a reputação institucional se fortalece.

“EM REGIÕES COMO ALPHAVILLE, ONDE HÁ FORTE CONEXÃO COM O MERCADO INTERNACIONAL, O BILINGUISMO É UMA NECESSIDADE CONCRETA”

efe. - Hoje, vivemos em um cenário marcado pela tecnologia, pela inteligência artificial e por inúmeras soluções digitais. Como a St. Nicholas lida com esse campo?

Hellen - Tecnologia é ferramenta, não estratégia em si. Na St. Nicholas School, avançamos na integração de recursos digitais com intencionalidade pedagógica. A inteligência artificial, por exemplo, é utilizada como apoio ao aprendizado, mas também como tema de discussão crítica. Não queremos formar apenas usuários de tecnologia, mas jovens capazes de compreender seus impactos éticos, sociais e econômicos. Esse equilíbrio é fundamental.

efe. - O que torna Alphaville um ambiente tão propício para o desenvolvimento de projetos educacionais inovadores?

Hellen - Alphaville reúne um perfil de famílias altamente conectadas ao mercado corporativo e internacional. Isso eleva naturalmente o nível de exigência acadêmica e estimula inovação. A proximidade com empresas nacionais e multinacionais também abre espaço para parcerias, experiências práticas e conexão com o mundo real. A educação aqui não acontece isolada, ela dialoga com o ambiente econômico e social da região.